

Anexo 9

Exemplo de arrumação das entrevistas

Eixos Estruturantes	Respostas/Dimensões observadas
<p>Para quê (Princípios)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - E1 – “Nós achamos o P.C.E. extremamente importante. Tanto o achamos que estamos, neste momento, a trabalhar nele e gostávamos que, realmente, fosse um verdadeiro P.C.E.. Acontece que não é muito fácil de conseguir isso. Por que é que o achamos importante? Primeiro, porque é um quadro de referência para a acção de toda a comunidade educativa: podemos ter uma linha de acção mais comum, não nos “perdemos” tanto; depois, é tido em conta o contexto em que desenvolvemos a nossa actividade. O contexto é extremamente importante para que as aprendizagens que se fazem sejam mais significativas para os alunos, tenham mais interesse e, ao mesmo tempo, facilita um pouco a acção no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem, tanto do aluno como do professor” - E no plano do PCT? - E1 – “Já temos uma experiência mais avançada, na medida em que começámos um pouco ao contrário: pelo P.C.T.. Tínhamos as turmas pela frente e era necessário avançar. Havia, de facto, um P.C.E., no entanto, falava-se mais em P.E.; agora, são três elementos que se unem, estão muito ligados entre si. O P.E. existia, mas de uma maneira pouco formal, estava subjacente. Havia certos princípios orientadores que assumíamos e que presidiam à nossa acção, mas não havia um documento devidamente formalizado; estamos, agora, a trabalhar nisso, só agora. Com 4/5 anos de Gestão Flexível e há certos elementos que ainda precisam de ser aperfeiçoados e alguns até formalizados. Há cerca de 2/3 anos, começámos a apostar seriamente no P. C. T.. Nem a colega, nem eu somos do início, portanto, não estamos muito por dentro da maneira como arrancou, aqui na escola, o Projecto de Gestão Flexível do Currículo. Sabemos que foi dada grande importância, pelo menos no 1º ano, às áreas curriculares não disciplinares, mas tudo o resto continuava sem grande alteração. Pensou-se, então, que as áreas curriculares não disciplinares deviam estar integradas no P.C.T. e apostámos seriamente nele. Achamos extremamente interessante o P.C.T., por duas razões: 1º porque tem muito em conta aquele grupo de alunos que está na nossa frente; eu sei que idealmente deveria ser cada aluno mas, sendo um grupo de alunos, já não é mau. A turma tem sempre alguns aspectos que a definem como turma. Ter em conta esse grupo, saber os seus interesses e necessidades e ir ao encontro deles, é extremamente importante; por outro lado, mobiliza o trabalho em equipa; é isso que nós consideramos essencial mas que se torna extremamente difícil. Sabemos que, naquela turma, queremos avançar com aquele projecto, há determinados objectivos que queremos concretizar, vamos, então, tentar que não seja um professor mas todos, que seja a equipa a levá-lo a cabo e, se não for a equipa toda, vamos tentar com pequenos grupos dentro da equipa; isso leva a um trabalho colaborativo, que nós achamos extremamente importante, embora difícil de conseguir. A articulação curricular, a integração de diferentes saberes, devem estar consubstanciados no P.C.T.. Depois, temos aprendizagens essenciais, competências gerais a desenvolver no 7º /8º, em qualquer ano de escolaridade, mas o P.C. de uma turma pode ser diferente e deve ser, de facto, reflexo da turma A, da turma B e por aí fora ...” - E2 – “Gostava de dar uma achega às opções que a escola tem vindo a fazer. Acho que tem sido de forma consciente que se têm feito as opções e, como dizia a colega e muito bem, parece que, nos dois primeiros anos, mesmo em termos de formação de professores, se privilegiaram as áreas curriculares não disciplinares que era onde, possivelmente, as pessoas se sentiam mais “perdidas”. Tentámos mudar embora, a nível de disciplina, tudo continuasse praticamente na mesma” - E1 – “Agora, já tentamos priorizar certas competências a desenvolver nesta ou naquela turma. Já tentamos, em conjunto, analisar certos factores, no âmbito das nossas disciplinas, para que possamos ir ao encontro dessas competências, portanto, já há algum avanço. Também há uma preocupação em movimentar toda a escola, não uma turma dentro da escola, não ilhas dentro da escola, portanto torna-se mais difícil. Os nossos passos são extremamente lentos, temos consciência disso; sabemos que avançamos muito pouco. No primeiro ano trabalhava-se muito bem, era uma família. Pelos depoimentos de pessoas que cá estiveram, era uma escola ideal. Regime normal. Neste momento, somos cento e tal professores e 44 turmas. É muita gente. Começamos a não ter espaços para trabalhar e, portanto, começam a faltar as condições” - Que motivações que estiveram na base da vossa escola apostar nesta mudança... - E1 – “Eu creio que a escola reconheceu grandes potencialidades no Projecto de Gestão Flexível. É uma filosofia que aposta seriamente numa aprendizagem com sucesso para os nossos alunos, tem muito em conta a pessoa que é o aluno, as necessidades e, ao mesmo tempo, os interesses desses alunos e, também, da escola em si, da escola em geral, da comunidade educativa, do meio em que se insere. Portanto, assumindo o Projecto de Gestão Flexível do Currículo, os órgãos de gestão da escola cedo acreditaram que ele propiciaria uma Escola melhor”

	<ul style="list-style-type: none"> - E que orientação global pensam dar para que as decisões a tomar tenham sentido no plano global de desenvolvimento da escola – no âmbito do Projecto Educativo? - E1 – “Eu não sei bem o que pretende com esta questão, porque há um Projecto Educativo que, como lhe disse, está, neste momento, a ser elaborado, mais especificamente, a ser formalizado, já que os princípios básicos do nosso Projecto existem há muito tempo. Não interessa ter um documento muito bonito para o pormos na gaveta e não o podermos operacionalizar. Os Projectos Curriculares de Escola e de Turma estão ligados. Têm dimensão e âmbito diferentes, mas não se podem contrariar. Para nós, o P. E. define os princípios que orientam toda a acção. O P.C.E. vai tentar operacionalizar aqueles princípios e o de Turma, dentro daquela turma”
Como fazê-lo (Metodologia e Organização)	<ul style="list-style-type: none"> - Como se iniciou o processo de construção do P.C.E.? - E1 – “Apercebemo-nos, a partir de certa altura, que havia um certo P. E. implícito, não estava formalizado. Do P.C.E. não se falava porque, também, é uma terminologia mais recente, como sabe. Nós começamos a apercebermo-nos de que era importante avançar. Estamos, neste momento, com isso. Como é que nós estamos a tentar operar nesse campo? Há uma equipa do Pedagógico, que se ofereceu voluntariamente para agarrar este trabalho. Mas a intenção desta equipa, equipa coordenadora, é abrir todos os documentos a todos os Departamentos da escola, porque nós entendemos que um Projecto só pode ir para a frente, se for assumido por toda a escola; não tem de ser de uma pessoa ou de um pequeno grupo de pessoas. Imagine que o trabalho dessa equipa não merece contestação, então, têm de o assumir. A partir daí já deixa de ser meu ou da colega ou da equipa que está a trabalhar para ser de muito mais gente, porque não fez mas acedeu, propôs alterações, concordou e achou que era possível fazer. Neste momento, está uma equipa a trabalhar. Acabamos de registar as principais ideias para o P. E., vamos passar para o P.C.E., mas sempre com esta abertura: Conselho Pedagógico, Departamentos e voltar ao Conselho Pedagógico para a aprovação final. Pretendemos envolver, maximamente, a escola e tentar, também, não sei bem como, os Pais, que estão representados no Pedagógico; era importante, também, a opinião dos alunos mais velhos, mas isso torna-se um bocadinho difícil porque ...” - E2 – “Só temos alunos até ao 9º ano” - E1 – “Se fosse Secundário, era um bocadinho diferente, mas importante era toda a comunidade educativa participar. No Pedagógico, temos o assento dos Pais, dos Funcionários e, a esse nível, poderemos ter alguma contribuição válida; vamos tentar que ela aconteça” - E no plano do P.C.T.? - E1 – “Aí já trabalhamos, seriamente, com os professores em geral, porque qualquer professor é potencialmente um Director de Turma; pode não ser agora, para o ano pode ser e, portanto, temos trabalhado, a este nível, com os professores da escola, em pequenas acções de formação, aqui dentro da escola, dinamizadas por nós. Tivemos uma equipa de acompanhamento do Projecto de Gestão Flexível, fizemos algum trabalho nesse sentido, apostámos seriamente aí, contactávamos com pessoas mais entendidas e tudo isso, fomos tentando discutir, pondo na mesa problemas que sentíamos, constrangimentos, ...” - E2 – “Tentamos reflectir sobre as coisas. Tentamos mobilizar a escola no sentido de assumir a importância do P.C.T. e de trabalharmos nesse sentido” - E1 – “Agora, estamos mais a trabalhar a nível de Directores de Turma, evidentemente. Há sempre um lançamento do trabalho. No princípio do ano lectivo, temos feito uma coisa engraçada que é imaginar um Projecto, um Projecto imaginário, para uma turma que não existe. Perante aquela turma, como é que se poderia construir um P.C.T.? É uma forma de ir ao encontro das dificuldades dos professores” - Quem decide sobre a realização do P.C.E.? - E1 – “Aqui está uma pergunta que nós achamos que não tem muito cabimento. Quem decide? Primeiro está na Lei, está legislado, se fossemos a ser rigorosos, quem teria a responsabilidade da elaboração seria o Conselho Executivo. Mas nós, aqui, estamos a funcionar de maneira diferente: o Conselho Executivo está connosco, temos um membro do Conselho Executivo na equipa, mas é uma equipa mais alargada. As escolas devem ter estes Projectos, segundo a Lei, não é? E, dentro das suas possibilidades, devem tentar elaborar Projectos de acordo com a realidade que têm. Não vale a pena termos Projectos muito bonitos para, depois, serem metidos na gaveta. A nossa ideia é ser um Projecto que sirva a escola, a comunidade educativa e que, por outro lado, esteja de acordo com ela, que possamos dizer: esta é a nossa escola, este Projecto é da nossa escola” - Em termos de órgãos competentes, quem aprova é o Conselho Pedagógico? - E1 – “Pelo menos foi de lá que saiu a equipa” - E2 – “É o Conselho Pedagógico que dá orientações, faz recomendações ...” - E1 – “O Conselho Pedagógico volta a analisar, mas, a principal ideia, é tentar movimentar os professores em geral”

	<ul style="list-style-type: none"> - O P.C.E. circula um pouco pelos diferentes órgãos: Conselho Executivo, Conselho Pedagógico, Assembleia de Escola, onde põem à consideração, esperam que sejam emitidos pareceres? - E2 – “Fazem recomendações que a equipa responsável tomará em consideração” - E1 – “Fazem recomendações ao Conselho Pedagógico que deverão ser integradas se se entender que são pertinentes” - E2 – “Há também os órgãos pedagógicos intermédios que são os Departamentos” - E1 – “Os Departamentos, que são extremamente importantes” - O P.C.T. é que fica mais circunscrito ao Conselho de Turma? - E1 – “Exacto. O que foi deliberado em Conselho de Turma é que acaba por ser posto em acção” - E2 – “Aí tem um papel importante o Director de Turma, tem de assumir a liderança” - E1 – “Há mesmo uma liderança efectiva do Director de Turma, coordena o trabalho e tenta que ele se concretize” - Como se organizam para elaborar o P.C.E.? Já disseram que, no Conselho Pedagógico, organizam uma equipa ... - E1 – “É no Conselho Pedagógico. Estamos, neste momento, a organizar. Não sabemos se esta é a melhor via, sinceramente. O que nós estamos a fazer é isto: uma equipa sai do Conselho Pedagógico, abre-se ao exterior, isto é, pede outros elementos que possam colaborar, mas não houve muita adesão... Continuamos com a equipa que saiu do Conselho Pedagógico; a partir daí, e depois de ouvidos os departamentos, é que vamos levar o trabalho novamente ao Conselho Pedagógico” - Há algum requisito ou algum conjunto de requisitos que possam estar a orientar a constituição da equipa, para a organização da equipa? Quais são os critérios para seleccionar/recrutar, por exemplo, os elementos presentes no Conselho Pedagógico, têm de ter um determinado perfil? - E1 – “As pessoas que estão no Conselho Pedagógico mereceram a votação dos colegas, tanto nos Departamentos como na coordenação de Directores de Turma. À partida, são pessoas que têm a confiança da comunidade educativa. A partir daí, há muitas equipas que se constituem no Pedagógico, umas têm de trabalhar o Plano de Actividades, outras têm de ver o problema da avaliação, enfim, as pessoas vão fazendo o trabalho, voluntariamente, consoante as necessidades” - São voluntárias um bocado à força? - E1 – “Pronto, vão fazendo. Às vezes não dava jeito, mas vamos fazendo. Neste Projecto, era importante estarmos as duas a trabalhar” - E2 – “Há colegas que se oferecem” - E1 – “Entretanto, surge a equipa de avaliação para trabalhar os critérios da avaliação. A avaliação é extremamente importante; há outra equipa com a avaliação dos professores. Vamos vendo e equilibrando de maneira a não estar um sector do Pedagógico extremamente sobrecarregado e outro completamente liberto. Estamos a tentar envolver todo o Pedagógico nas diferentes actividades que têm, em conjunto, de ser discutidas. O nosso trabalho é sempre um trabalho do Pedagógico” - E2 – “Mesmo os outros membros do Conselho Pedagógico estão abertos, se nós precisarmos do contributo deles” - No plano da realização do P.C.T., têm reuniões ... - E1 – “É um dos grandes problemas da escola, porque nós entendemos que a concretização do P.C.T. deve levar a um maior número de reuniões e não temos espaço para isso, não temos tempo. Ainda agora foi uma luta por causa das intercalares. Nós entendemos que era extremamente importante levarmos o assunto ao Pedagógico. O Pedagógico entendeu que realmente era um momento importantíssimo de reflexão sobre o trabalho a realizar em cada Conselho de Turma e optámos pela suspensão de aulas, mas tivemos de obedecer a uma série de requisitos a que a Lei nos obriga. Achamos que também não é muito justo, na medida em que estamos a trabalhar de facto, que haja pessoas com 7/8 turmas, estando aqui desde as 8.30h da manhã até às 20h, em trabalho, praticamente, contínuo” - E2 – “Para ter uma ideia, se não tivéssemos feito interrupção, iríamos andar aqui até Dezembro para elaborar o P.C.T. e mais, em pós laboral” - E1 – “Achamos que o regime pós laboral é uma violência. As pessoas vêm contrariadas, acabam por não estar de alma e coração e por não dar o contributo que deveriam dar; têm os seus problemas pessoais. Admitindo até que iríamos para pós laboral, as reuniões prolongar-se-iam até Dezembro, perto das reuniões de Natal. Não tinha interesse absolutamente nenhum, íamos sair de umas reuniões e entrar noutras. Portanto, acabámos por suspender aulas, mas, para além destas, haveria necessidade de outras reuniões. Estamos, neste momento, a pedir um estudo ao Conselho Executivo para ver se conseguimos reunir os Conselhos de Turma dentro do espaço laboral, mesmo que haja a falha de um elemento, por exemplo, professores de E.V.T.: como são
--	---

	<p>dois, ficar um e ir outro; na Área de Projecto, a mesma coisa, tentando, assim, com pequenas falhas, mas reunir a maioria do Conselho de Turma para ver se conseguimos trabalhar melhor. Aham muito bonito o trabalho colaborativo, querem muito que o façamos...”</p> <ul style="list-style-type: none"> - E2 – “E é imprescindível, agora ...” - E1 – “E nós achamos que sim, mas não temos condições, não temos quaisquer condições para o executarmos” - E2 – “É muito complicado, é muito difícil” - Quem intervém na elaboração do P.C.E.? - E1 – “Já dissemos isso. Queremos que seja toda a escola, é nosso objectivo. É lógico que tem de haver uma equipa coordenadora. O Conselho Pedagógico mandata a equipa e também vai fazer a aprovação final; também vai à Assembleia de Escola. Mas em termos de elaborar mesmo, nós queremos que seja toda a escola e o único meio possível para o conseguirmos é baixar aos Departamentos. Vai ser discutido, acrescentado, mudado,...se vai ser assumido, isso não sabemos, isso vamos ver. É claro que vai ter de haver um órgão, o Conselho Pedagógico, que, tendo em atenção aquilo que os Departamentos lhe dizem, o irá aprovar e enviar à Assembleia de Escola” - E2 – “A proposta final a apresentar ao Conselho Pedagógico decorrerá da discussão feita em sede de Departamento. O que vai ser agora apresentado não é um produto acabado ...” - E1 – “É qualquer coisa que está inacabada, que está em construção” - E2 – “Todos os anos, se for necessário, será reformulado” - E no plano do P.C.T.? - E1 – “Deve intervir todo o Conselho de Turma, mas digo-lhe já que é muito difícil pôr o Conselho de Turma todo a operar. Evidentemente que, aqui, há uma carga muito grande que vai recair sobre o Director de Turma” - Quem lidera? - E1 – “No P. C. T. é o Director de Turma” - Em que pontos assenta essa liderança? Do vosso ponto de vista, qual o perfil mais adequado para o líder? Em que assenta a liderança do Director de Turma? Têm alguma reflexão ... - E1 – “Ora bem, nós aí... por acaso, noutro dia, ouvi uma opinião um pouco diferente. Eu defendi sempre que era necessário um determinado perfil para se ser Director de Turma e defendo muito, junto dos órgãos executivos, que sejam escolhidos Directores de Turma com determinadas características e que se tenha em conta um aspecto que consideramos importante- que o queiram ser, porque há pessoas que são competentes, não pomos isso sequer em dúvida, mas são pessoas que não estão tão vocacionadas para um determinado tipo de trabalho, portanto, preferem fazer outro. Propusemos que se respondesse positivamente a estas solicitações; temos sempre gente que até gosta de ser Director de Turma, isto é meio caminho andado, porque gostam, estão no cargo com uma vontade enorme e tentam fazer o impossível para que as coisas corram bem. Portanto, este aspecto é extremamente importante. Para além disso, uma pessoa que tem uma facilidade grande de contacto, que seja sociável, que seja compreensiva ...” - E2 – “Que tenha uma boa relação com os alunos” - E1 – “Que tenha uma empatia, que seja capaz de uma manifestação de afectos, em relação aos alunos, tudo isso são características que nós consideramos extremamente importantes. Somos diferentes, todos temos muito valor e aspectos positivos, todos temos, também, os nossos pontos mais fracos, todos sabemos disso. E, na nossa classe, isso também acontece. Há pessoas que, provavelmente, têm um perfil que se adequa mais. Nós entendemos e procuramos ter isso em atenção, mas chegamos a um ponto em que tal não é possível. Chega-se a um ponto em que recebemos professores, não têm horário completo, há horas em aberto que é preciso preencher. Portanto, nem sempre isso se consegue. Como estava a dizer, noutro dia ouvi (é importante ouvirmos discussões de professores de muitas escolas) uma discussão em que uma colega defendia que não deveria haver essa ideia de perfil: somos professores, automaticamente, todos devemos estar preparados para exercermos qualquer cargo, seja Coordenadores, Directores de Turma, seja isto, seja aquilo. Também tem a sua razão de ser esta afirmação, merece uma certa discussão” - No que respeita ao P.C.E., quem intervém? - E1 – “Há uma equipa coordenadora, o Conselho Executivo ...” - O Presidente do Conselho Executivo é o presidente do Conselho Pedagógico? - E1 – “Até aqui, automaticamente, o Presidente do Conselho Executivo era o Presidente do Conselho Pedagógico” - E2 – “Agora, não” - E1 – “Agora, a lei permite que seja uma pessoa diferente” - E2 – “O Presidente do Conselho Executivo tem assento no Pedagógico mas pode não ser o
--	---

	<p>Presidente do Pedagógico”</p> <ul style="list-style-type: none"> - E1 – “Este ano, na nossa escola, optámos por essa via. Temos um Presidente do Pedagógico que não é o Presidente do Conselho Executivo” - Para tomar esta decisão, há requisitos que orientam essa escolha, determinadas características para este papel de líder? - E1 – “Penso importante ter determinadas características, conseguir orientar bem o Conselho Pedagógico” - Tomaram essa decisão, optar por Presidente do Pedagógico que não o do Executivo, o que orientou esta decisão? - E1 – “Primeiro, foi o próprio Presidente que colocou o cargo à disposição, apontando várias razões que nós consideramos válidas, uma delas o facto de haver gente nova, o poder ser positivo para o desenvolvimento do trabalho. Já não é a primeira vez que está no Conselho Pedagógico e Executivo, já está há uns anos largos. Entendeu que era importante alternar. O Conselho Pedagógico pediu-lhe para reflectir sobre a atitude que estava a tomar, mas entendeu as razões. Depois, houve uma proposta para alguém do Conselho Pedagógico, atendendo às suas características e à relação muito estreita que tem com o Conselho Executivo, uma vez que exerce funções de assessoria; foi, então, proposto esse nome, passou-se à votação e, praticamente, colheu a totalidade dos votos. - Qual o nível de participação dos intervenientes? - E1 – “Nós, aqui, estamos a falar um bocadinho no vazio, na medida em que estamos num processo. Daqui a uns meses talvez lhe possamos dizer como é que foi a reacção às nossas propostas. A nossa proposta é de envolver toda a escola. Neste momento, estamos em processo de execução, estamos em aprendizagem também, não é? No Conselho de Turma é diferente, temos Conselhos de Turma muito dinâmicos, em que os Directores de Turma conseguem uma participação muito activa dos elementos que o compõem. Há outros mais apáticos, digamos assim. Não quer dizer que sejam menos interessados, são receptivos e até colaboram, mas o nível de participação não é tão grande; muitas vezes, nós utilizamos algumas estratégias que são importantes; por exemplo, tentar, antes do Conselho de Turma, que haja a colheita de opiniões sobre determinados assuntos que vão ser tratados no Conselho para haver um tratamento por parte do Director de Turma e apresentar já um pré-documento que se põe à discussão. Isto torna tudo muito mais fácil porque, se as pessoas concordam com o que está no documento, acabam por aceitar, mas sabem o que está lá e, ao estarem de acordo, automaticamente, assumem o compromisso de o levar à prática; se não estão de acordo, têm oportunidade de manifestar a sua discordância e, se querem acrescentar, têm a oportunidade de o fazer. Estou a falar disto com conhecimento de causa, porque o fiz num Conselho de Turma. Foi assim que funcionei, mas há outros que não funcionam desta maneira. Estou contente com a forma como decorreu o meu Conselho de Turma; tive alguns contributos, mudei algumas coisas, o essencial ficou, mas todos assumiram: disseram que era interessante, que valia a pena, que era viável e acrescentaram alguns aspectos que consideraram importantes” - E2 – “O Conselho de Turma durou uma hora e meia e não conseguimos elaborar o P.C.T.” - E1 – “A hora e meia não chega para nada, se não fosse a suspensão ...” - E2 – “O ideal era que fosse tudo discutido no Conselho de Turma, mas não é possível. No nosso sistema não dá, se não levasse o trabalho estruturado como levei, nunca, em hora e meia, conseguia pôr o trabalho pronto. Houve outros que não conseguiram” - Também está relacionado com a periodicidade das reuniões? Com o tempo investido? Com a produtividade das reuniões? - E1 – “Infelizmente, não podemos prolongar reuniões porque o tempo é pós laboral. Há sempre uma reacção que não é muito positiva e com razão” - E2 – “Saímos daqui às 21h” - E1 – “Fora os tempos que o Ministério fixa, temos muita dificuldade. Até aqui havia as paragens e, agora, não há, quer dizer, agora até isso nos tiraram” - Em termos de horas, quanto representa? - E1 – “Quantas horas estamos reunidos? Nós, neste momento, estamos a propor 2.30h, mas não sabemos se o Presidente do Conselho Executivo vai conseguir; estamos a propor 2.30h de reunião e, mesmo assim, não achamos que seja demasiado; nestas intercalares, foi 1.30h para cada turma” - E2 – “Porque a escola parou, mas um professor pode ter 7 turmas” - E o Pedagógico? - E1 – “Normalmente, reúne uma vez por mês, é de Lei” - Também é no horário pós laboral?
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> - E1 – “O Pedagógico é mais cedo. Os horários já são feitos de maneira a que, os professores que compõem o Conselho Pedagógico, estejam libertos nessa tarde. Temos aulas até às 15h, a partir das 15h estamos libertos. Noutro dia estivemos aqui até às 19h e tivemos de fazer um Pedagógico extraordinário porque não conseguimos fazer o que era para fazer” - E2 – “Em termos de elaboração de horários, foi possível definir-se um dia para a realização dos Conselhos Pedagógicos que é a 5ª feira. A situação ideal, em termos de organização de horário, era que de facto houvesse um bloco, na maior parte dos horários dos professores que compõem um Conselho de Turma ...” - E1 – “É uma proposta de há muito tempo, só que não tem sido possível a sua concretização” - E2 – “Muitos alunos, muitos professores” - E1 – “Muitas salas. Há professores que têm aulas num turno quando a maioria do Conselho de Turma tem aulas noutro turno. Por exemplo, as aulas de E.V.T., de Educação Física passam para o turno contrário; os alunos que têm Ciências na parte da manhã têm, depois, essas aulas, na parte de tarde” - Nessas reuniões registam temas, decisões, problemas tratados? Sob que forma? - E1 – “A acta é o registo formal, depois há documentos que são elaborados e que são anexados; por exemplo, neste Conselho de Turma, vou anexar vários documentos à acta; a acta refere os documentos que anexamos” - No Conselho Pedagógico também ... - E1 – “Sim, se houver documentos também se anexam” - E2 – “Também podemos reunir de forma mais informal. Como Directora de Turma, como professora, posso ser solicitada, posso estar numa determinada hora a trabalhar, coordenando um grupo de 2, 3, 4 pessoas; neste caso, não se elabora acta nenhuma” - E1 – “Essa coordenação, esse tal grupo coordenador reúne fora de horas” - E fazem algum tipo de registo? - E1 – “Não, fazemos só o documento final. Eu utilizo muito o sistema do caderno. Por exemplo, reuno com a colega, que é a minha colega de coordenação, e ponho lá os pontos todos que temos para discutir. Mas não há nenhum registo oficial, nem ninguém sabe o muito trabalho, que nós estamos aqui muito para além do nosso horário normal” - Já referiram, de certa forma, como se organiza a escola em termos de horários e espaços, no entanto, se tiverem algo que considerem pertinente referirem? - E1 – “Há um cuidado importante que é com os Departamentos. Cada Departamento tem um dia para reunião, têm aulas na mesma, só que, nesse dia, em vez de acabarem às 18.30h acabam às 17h. Por exemplo, o de História reúne às 5ªfeiras; todos os professores de História, de Moral e de Geografia, que são todos do mesmo Departamento, à 5ª feira, terminam as aulas às 17h. Agora, se começasse às 15.30h, iríamos muito mais longe. É importante que, dentro do próprio horário, haja um espaço para cada Conselho de Turma poder reunir com uma certa periodicidade. Imagine que, à 5ªfeira, das 9h às 11h, por exemplo, ninguém de determinado conselho de turma tem aulas; então, vamos fazer, nesse horário, um espaço que nos permitirá reuniões periódicas. É uma proposta de um grupo, este ano não sei se vamos conseguir. Também já temos outras coisas que vão sendo conseguidas: por exemplo, ao nível do 5º ano, em termos de Formação Cívica, temos dois tempos de quarenta e cinco minutos, porque a escola aposta seriamente no desenvolvimento da educação para a cidadania. Também tentamos que os tempos de Formação Cívica sejam comuns em várias turmas para podermos ter uma maior interacção, para podermos fazer intercâmbio. Há algum cuidado, mas ainda está muito longe daquilo que nós desejávamos. Até porque a escola está sobrelotada, temos desdobramento, faltam espaços, falta tempo” - E2 – “Penso que, em termos da realização dos horários, em termos de orientação da realização dos horários, falam dessas questões, atendem a essas questões pedagógicas mas ...” - E1 – “Claro, é mesmo impossibilidade, não é que não se queira” - Já referiram que tentam envolver toda a escola na realização do P.C.E.. Gostava de perguntar se os alunos participam, quando e de que forma? Quer no P.C.E. quer no P.C.T.. - E1 – “Esse trabalho também está nas nossas preocupações mas muito incipiente, ainda. Neste momento, estamos a tentar formalizar as Assembleias de Turma. Começar logo no 5º ano, criar espaços para que possam comentar assuntos da turma, assuntos da escola e dar uma importância grande ao Delegado e Subdelegado de Turma, incluindo a sua participação nos Conselhos de Turma intercalares, nos de avaliação, não podem; é uma prática que é importante, mas que está, ainda, a começar. Nos Conselhos de Turma que fizemos agora já houve alguns professores que levaram os Delegados de Turma. Eu tinha acabado de fazer a eleição do Delegado, numa turma do 5º ano, são muito pequeninos, mas entendo que poderá ser uma participação muito boa” - E2 – “Houve um problema disciplinar logo no início do ano lectivo; tive a presença dos alunos e dos encarregados de educação ...” - E1 – “Mesmo no Conselho de Turma que fiz agora, para a elaboração do P.C.T., o representante
--	--

	<p>dos Encarregados de Educação não esteve presente, mas estiveram o Delegado e Sub-Delegado e eles surpreendem-nos pela positiva. Estão muito atentos e dão contributos óptimos, mesmo quando há conflitos, em termos de relações interpessoais, eles conhecem-se muito melhor do que nós. E agora no início do ano, que a turma é desconhecida quer para o Director de Turma quer para os professores, acabam por dar sugestões muito boas. Mesmo quando a gente atribui determinados critérios de actuação, eles são chamados, na turma, a intervir. Como Delegado tem uma função acrescida. Estou muito feliz com os meus.</p> <p>É nossa intenção activar as Assembleias de Turma. Achamos que são muito importantes, poderão dar um contributo muito válido para o funcionamento da escola, mas temos de ir muito devagar, é um bocadinho difícil”</p> <ul style="list-style-type: none"> - E no plano do P.C.E.? - E1 - “Aí ainda é mais difícil, evidentemente, que seria o ideal ...” - E2 - “Eles são muito jovens” - E1 - “São muito jovens, mesmo os do 9º ano, são muito jovens” - E2 - “É evidente que, quando a partir do 5º ano, se começa a fazer um trabalho de sensibilização, possivelmente estes alunos, quando chegarem ao 8º/9º ano, já são muito mais interventivos, não é?” - E1 - “Exactamente. Nós temos esperança nisso, por isso, apostamos seriamente logo a partir do 5º ano. Temos 2 tempos para Formação Cívica, uma aposta da escola. São os tais 45 minutos que a escola pode escolher, pode fazer a sua opção; há dois blocos de 45, para serem geridos pela escola; um deles foi para Formação Cívica, outro para Língua Portuguesa- Informática” - E2 - “São opções da escola” - E no que respeita à participação dos Encarregados de educação, quando participam? De que forma participam? - E1 - “Estamos, neste momento, também ...” - E2 - “Têm assento no Pedagógico e, se quiserem, podem fazer parte das equipas” - E1 - “Aqui na escola, um dos nossos objectivos, como coordenadoras, é incentivar a relação escola/família. É um dos grandes objectivos do nosso trabalho, mas nós estamos a começar. Neste momento, começamos a aconselhar os Directores de Turma a convidarem os representantes dos Pais da turma a participarem nestes Conselhos de Turma, porque achamos que o P.C.T. deve ter, também, a participação dos Pais. Eles devem saber não só o que se passa, como darem o seu contributo para a elaboração dos Projectos e, através da presença desses representantes, pelo menos, isso torna-se viável. Por acaso estive, noutro dia, numa reunião em que se pôs a questão: como é que os Pais que participam num determinado conselho de turma passam, depois, a informação para os outros Pais? Estivemos a ver alguns caminhos a seguir para isso e um dos Pais falou em fazer uma reunião entre eles (os representantes) e os restantes Pais da turma. Estamos a trabalhar nesse sentido. Queríamos também, era uma das nossas preocupações, fazer uma reunião com os representantes de todas as turmas da escola. O trabalho com a Comissão de Pais também pode ser válido e ser um caminho a seguir; realmente, pôr em acção o trabalho com os representantes no Conselho de Turma, é extremamente importante” - E2 - “Nos Conselhos de Turma pôr em acção em termos de trabalhar em equipa ...” - E1 - “Ah! Trabalhar em equipa, trabalhar mesmo e não só ouvir e dar opinião” - Como se concretiza o P.C.E.? - E1 - “Neste momento, aqui connosco, estamos a elaborá-lo, portanto, temos algumas dúvidas sobre a maneira como o vamos conseguir pôr em prática. Agora, acho que vamos começar a perceber, todos nós, todos os professores aqui da escola, que direcção é que a escola deve tomar. Essa consciência é que vai começando a tomar forma e, depois, a pouco e pouco vamos tentando concretizar, sobretudo, através do P.C.T.. No momento, não podemos dizer mais do que isto. Temos de reconhecer que é uma fragilidade grande da escola não ter isso, ainda, feito. Estamos, neste momento, muito empenhados, estamos a trabalhar seriamente, não está a ser fácil, mas vamos tentar que as coisas corram pelo melhor” - Vocês estão a estruturar o P.C.E., estruturam-no com uma preocupação para este ano lectivo ou querem projectá-lo para mais tempo? - E1 - “Para mais tempo” - E2 - “O P.C.T. funciona ano a ano...” - E1 - “Qualquer Projecto pode ser modificado ano a ano. Mas o P.C.E. tem uma orientação de base que tem a ver com o meio em que a escola está inserida e com o público que serve. À partida não mudará substancialmente, há certas linhas orientadoras que achamos que são importantes para que a aprendizagem se processe da melhor forma possível. Podemos priorizar, isso sim, porque nós, neste momento, temos algumas zonas de fragilidade que realçamos no P. E., que são problemas e que queremos combater. Poderemos, daqui a 4 anos, chegar à conclusão ...” - E2 - “Que podemos ir para outra vertente ...”
--	--

	<ul style="list-style-type: none"> - E1 – “E que vai fazer falta definir” - Desculpe, como estavam a tentar concretizar o P.C.T.? - E1 – “O P.C.T. tentamos concretizá-lo no nosso dia-a-dia, no trabalho que vamos desenvolvendo”
Que valorizar/integrar (conteúdo)	<ul style="list-style-type: none"> - Como entendem o desenvolvimento integrado do currículo? - E1 – “Ora bem, há muita literatura sobre esse assunto. O que devo dizer já é que, numa escola - e não só na que nos situamos, nem só na escola portuguesa mas talvez na Escola de uma maneira geral, a integração é extremamente difícil; enquanto continuar este paradigma, não se consegue avançar muito. Agora, naquilo que nós apostamos é em alguns momentos interdisciplinares, é fazer aquilo que há pouco não se fazia, é sabermos aquilo que os outros andam a fazer, ir para o Conselho de Turma e ver o que o professor de Matemática ou o de Ciências também faz e podermos estabelecer os pontos de ligação entre nós que, em actividades comuns, possam contribuir para a execução dos objectivos do P.C.T.. Agora, a integração em si, é extremamente difícil porque a escola está muito dividida por disciplinas. É muito difícil encontrar os pontos comuns entre elas, vamos definindo, então, pontos de acção comuns... primeiro as competências, a operacionalização transversal das competências gerais ...” - E2 – “E aí definir convenientemente ...” - E1 – “No que cada disciplina pode contribuir para o desenvolvimento dessas competências, depois, mesmo a nível de conteúdos, tentamos operar em parceria, portanto, fazer com que haja mesmo momentos interdisciplinares e, a nível dos P.C.T., nós já vamos conseguindo isso, o que não é muito fácil. Agora, a integração curricular, em sentido lato, é muito difícil e nem estamos preparados para isso, a nossa orientação, a nossa formação foi noutro sentido...” - E2 – “No 2º ciclo ainda há as Áreas Disciplinares; habitualmente, o professor de Matemática é professor de Ciências, o professor de História pode ser professor de Língua Portuguesa, o professor de Língua Portuguesa pode ser professor de uma Língua Estrangeira. No 3º Ciclo, são muito mais professores, por isso torna-se muito mais difícil” - E1 – “Este ano, estes anos, estamos a manter os mesmos Conselhos de Turma, há professores que ...” - E2 – “Trabalham por equipas ...” - E1 – “Por equipas educativas.” - O que consta do P.C.E.? Quais as dimensões que integram? O que valorizam? - E1 – “Nós pensamos que, no P.C.E., devem estar integradas as competências que teremos de privilegiar. O conteúdo a que vamos dar mais valor, metodologias, critérios da avaliação, actividades de enriquecimento curricular, as apostas em certas áreas que são extremamente importantes para o desenvolvimento de determinadas competências, o caso da aposta da Educação para a Cidadania, no desenvolvimento da gestão das novas tecnologias, tudo isso, decerto, vai fazer parte do nosso P. C. E.” - E2 – “As Áreas Curriculares não disciplinares” - E1 – “Certo. Quadros de referência para cada uma das Áreas, o que poderá ser feito em cada uma delas. Tudo isso nós achamos que deve constar do P.C.E.. O essencial será isso, tendo sempre como pano de fundo o P. E., que tem as tais linhas gerais orientadoras e tudo isso que estamos aqui a dizer, as tais competências a privilegiar, os conteúdos que vamos valorizar, a metodologia que vamos seguir, sejam para conseguirmos concretizar as tais grandes ideias que aparecem definidas no P. E.” - E no P.C.T.? - E1 – “No P.C.T. vamos mais, primeiro, pela caracterização daqueles alunos que temos, daquela turma que temos à nossa frente e aí ...” - E2 – “Aí acho que já demos um salto muito grande. Antigamente, quando falávamos em caracterizar, era o Director de Turma que tratava e fornecia, ao Conselho de turma, elementos sobre o contexto sócio-económico da turma, o nível ...” - E1 – “Tudo através da ficha sócio-económica aplicada e do contacto com os pais ...” - E2 – “Ficava-se por aí. Agora, acho que essa caracterização também já passa muito mais pelos pré-requisitos que os alunos realmente têm ou não têm, pelas dificuldades ou não a nível da Língua Portuguesa, da comunicação oral e escrita, do raciocínio, da criatividade, levantamento de interesses, dados sobre e os métodos de trabalho, tentamos envolver os professores para fazerem esse levantamento, já não fica confinado ao Director de Turma.” - E1 – “Acho que ainda não conseguimos totalmente mas a caracterização da minha turma, já posso dizer que não é a caracterização feita pela Directora de Turma mas, pelo menos, por um grupo de professores dentro do Conselho de Turma. Recebi muitos dados e o trabalho que apresentei, em Conselho de Turma, já é fruto de um trabalho conjunto, não só meu, mas de vários professores. Portanto, a primeira coisa é a caracterização da turma, o mais ampla possível, embora, neste momento, também haja muitas pessoas que acham prematuro falar de criatividade, ou falar de raciocínio lógico, acham que é muito cedo, sobretudo, num 5º ano, mas tentamos uma caracterização o mais completa possível e com o apoio dos professores da turma. Depois, de

	<p>acordo com essa caracterização, é que nós vamos ver as zonas de fragilidade para as podermos combater, colmatar e as zonas fortes, o que é positivo para podermos ir ao encontro e rentabilizar, isso é extremamente importante. A partir daí, é que vamos tentar construir o P.C.T., vamos fazer opções, vamos ver quais são as competências que temos de privilegiar, se vamos de encontro àquilo que caracterizamos e depois como é que a equipa poderá, em conjunto, trabalhar para que essas competências sejam verdadeiramente desenvolvidas. A equipa, não o Director de Turma, nem a professora de História ou a de Matemática, a equipa”</p> <ul style="list-style-type: none"> - E2 – “Depois os professores já decidem ...” - E1 – “Já decidem à partida alguns momentos interdisciplinares para além da operacionalização transversal, não é? Aquilo que pode ser feito por todos os professores e deve ficar muito claro no Conselho de Turma e no P.C.T.” - E2- “As actividades a desenvolver nas Áreas Curriculares não disciplinares também devem ficar no P.C.T., porque eu, como professora de Estudo Acompanhado, ou de Área de Projecto, posso ter de desenvolver um trabalho diferente, consoante a turma. Portanto, na Área de Projecto, ou na Área de Estudo Acompanhado, se o Conselho de Turma define dar prioridade a determinadas competências, eu, sendo professora de Estudo Acompanhado, vou trabalhar nesse sentido; na outra turma, porque os alunos são diferentes e precisam de um trabalho nesta ou naquela área, isso também fica formalizado e é por aí que vamos” - E1 – “Mesmo a nível de disciplina pode haver diferenças; não há diferenças substanciais mas, em termos de valorização, um determinado conteúdo pode interessar muito mais a um determinado tipo de alunos. Nós temos turmas diferentes, mas, muitas vezes, as turmas são semelhantes naquilo que é fundamental. Há turmas que exigem de nós uma resposta completamente diferente. Eu estive dois anos a trabalhar com três turmas: duas, pude trabalhar de maneira muito idêntica, embora, em termos de aula, as coisas diversificassem muito, mas, em termos de planificação, havia uma para a qual eu planificava, à partida, de maneira diferente, mas não só em estudo Acompanhado, também na própria disciplina” - O P.C.E. contempla o ano e o ciclo? - E1 – “Esta questão, achamos que não tem grande cabimento, na maneira como está colocada, porque o P.C.E. não tem ano, nem tem ciclo, tem escola. São quadros de referência, por exemplo, em relação às Áreas Curriculares não disciplinares, por anos de escolaridade, havendo uma evolução do tipo de trabalho que fazemos com os alunos para não haver repetições. Os tais quadros de referência limitados a ano” - E2 – “Ciclo” - E1 – “Ou ciclo, pronto, mais até por ciclo. O Projecto em si, o P. E., as linhas gerais, são as linhas orientadoras da acção da escola. Em termos de conteúdos que valorizamos, há programas por anos de escolaridade, que também já estão estabelecidos superiormente. Depois, vamos valorizar mais este aspecto ou aquele. Em relação às competências, também são para ser desenvolvidas ao longo da escolaridade básica. Também não vale a pena estar a dividi-las por áreas, nem interessa muito a compartimentação. <p>O P.C.T. é por ano, mas, em alguns casos, pode continuar para os anos seguintes”</p>
Como apreciar os efeitos (Avaliação)	<ul style="list-style-type: none"> - E1 – “O P.C.T. tentamos concretizá-lo no nosso dia-a-dia, no trabalho que vamos desenvolvendo” - Têm feedback? - E1 – “Neste momento, ainda não. Foi elaborado agora e, mesmo agora, dei quinze dias aos professores para, se quisessem, me fazerem chegar alguns elementos válidos, no campo da discussão que tivemos ...” - E2 – “Agora é que vai ser reflectido ...” - E1 – “Agora, no Natal, é que vamos saber, mas ainda, também, não dá muito tempo, porque vamos fazer a avaliação sumativa. Nós queríamos que, pelo menos no Carnaval, houvesse novas reuniões para fazermos o ponto de situação: até que ponto é que está a ser conseguido? O que é que está a ser conseguido? O que devemos pôr de parte? Em que devemos apostar? Tudo isso” - E2 – “A avaliação do 1º Período também vai servir para fazer a avaliação do P.C.T., não é?” - E1 – “Exactamente” - E2 – “Até que ponto é que ele está a sortir efeito ou não” - E1 – “No P.C.E. não vamos responder, pois, como lhe dissemos, estamos, agora, na fase de execução. Agora, em relação ao P.C.T., temos vários caminhos, um deles são os pontos de situação feitos nos próprios Conselhos de Turma, que ficam devidamente registados em acta, onde vamos fazendo avanços ou cortes no P. C., consoante o andamento dos trabalhos. Portanto, é importante que se faça, realmente, uma avaliação do trabalho desenvolvido, se aquilo que estamos a fazer corresponde às reais necessidades, aos reais interesses da turma que temos pela frente. Por outro lado, também tentamos, a nível de escola, ver até que ponto é que o P.C. é elaborado e se é devidamente concretizado, através de pequenos inquéritos; pelo menos, no ano passado, lançámos um a nível de escola, para os professores dizerem as dificuldades que tiveram,

	<p>até que ponto é que conseguiram ou não concretizar aquilo que definiram no Projecto, que, muitas vezes, até se conseguiu elaborar o Projecto mas depois, na prática, ele acaba por não ter concretização, enfim, através do inquérito conseguimos ver isso, temos esse trabalho realizado e, de facto, chegamos à conclusão que alguma coisa foi feita, mas que ainda há muita coisa a fazer”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando o apreciam? - E1 – “Nos Conselhos de Turma ...” - E2 – “E a própria legislação também prevê que, no fim de cada período, se faça uma avaliação ...” - E1 – “Pois, exactamente, mas isso tem mesmo de ser feito nos Conselhos de Turma e, depois, fazemo-lo, também, em reuniões mais gerais, quando promovemos a discussão de temáticas ligadas ao P.C.T., a nível de escola, como fizemos uma vez, no Carnaval, com toda a escola, vamos fazendo pontualmente esse trabalho” - Como formalizam/registam os resultados da apreciação? - E1 – “É possível que no Pedagógico se avalie, pelo menos anualmente, até que ponto estamos a conseguir concretizar aquilo que está definido no P.C.E. e o registo é feito da mesma forma, fica registado em acta, são os registos oficiais, digamos assim” - E no P.C.T.? - E1 – “Da mesma forma, no Conselho de Turma e também, se houver algum documento mais completo, anexa-se, se houver só um relato sucinto daquilo que está a ser conseguido e daquilo que não está a ser conseguido, das áreas em que vamos apostar mais, das áreas que vamos abandonar, fica registado em acta” - E divulgam o que apuram dessa apreciação? - E1 – “No ano passado fizemos esse tal inquérito aos professores, em que tentamos ver, ter a percepção da forma como os projectos estavam a ser concretizados e das dificuldades que estavam a ser encontradas, essa problemática toda que envolve este trabalho; evidentemente que fizemos a análise dos dados e publicámos” - Como o divulgam? Formas e contextos. - E1 – “Muitas vezes, fazemos mesmo a divulgação pessoa a pessoa, sobretudo, quando se trata, por exemplo, de assuntos relacionados directamente com o Director de turma, nós temos muito esse cuidado de personalizar, tanto o contacto directo como a entrega do documento em mão, para poderem analisar pessoalmente; outra forma, é a utilização do “placard”, que procuramos ter sempre actualizado e com os dados que achamos importantes para os professores. Embora tenhamos um “placard” para os Directores de turma, é um “placard” que está aberto a todos os professores ...” - E2 – “E está colocado na sala dos professores” - De que forma, o que apuram dessa apreciação, serve a gestão/reconstrução quer do P.C.E. quer do P.C.T.? - E1 – “No P.C.E. não podemos dizer reconstrução porque ainda não o temos, não é? Mas vou dizer-lhe uma coisa, evidentemente que só tem razão de ser e de existir a avaliação se for para reformular ou, então, para continuarmos o caminho, se se chegar à conclusão que ele é positivo; senão não tem razão de ser. Portanto, em relação aos P.C.T., o que se pretende é que, no Conselho de Turma, se faça a análise da situação; se chegarmos à conclusão que estamos no caminho certo ...” - E2 – “Do que se pretende ...” - E1 – “Do que se pretende, continuaremos. Agora, não quero dizer que façamos sempre isto, muitas vezes não conseguimos”
Que dispositivos facilitadores utilizar	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizam dispositivos, por exemplo, a formação, reuniões, etc. para facilitar a realização do P.C.E. e a do P.C.T.? - E1 – “Formação, quer interna, portanto, com a prata da casa, como se costuma dizer, como externa, tentamos, sem dúvida nenhuma” - Quer no âmbito do P.C.E. quer no de Turma? - E1 – “Já fizemos também aquela acção com a Dra. Carlinda Leite, sobre o P.C.E., portanto, a ligação entre P.C.E e o P.C.T.. Neste momento, há outras coisas ...” - E2 – “Também promovemos encontros de professores, aqueles encontros multidisciplinares, lembra-te?” - E1 – “Sim, sim, já fizemos mais do que um. Nos encontros multidisciplinares, formamos grupos de professores, que não têm nada a ver com o departamento a que pertencem, nem com a disciplina que leccionam, são professores da escola e discutimos; temos, evidentemente, uma base de trabalho, temos documentos para discussão, temos um coordenador em cada grupo e, depois, pomos na mesa muitas das nossas reflexões, muitas das nossas dúvidas, fazemos, como

	<p>eu costumo dizer, uma catarse, é extremamente importante, devia ser mais vezes, mas continua a falta de espaço e de tempo. Depois, também tentamos a formação tanto por gente aqui da casa como por gente do exterior; não conseguimos muitas vezes, mas tentamos. Promovemos, também, trocas de experiências nas próprias reuniões, pedimos aos professores que falem das suas experiências positivas, com mais insistência. As pessoas também se animam com as coisas boas que vão vendo. Nós apostamos seriamente nisso. Leituras, evidentemente, fazemos muitas e aconselhamos, mesmo as que fazemos, trazemos livros que divulgamos, tiramos extractos, pomos no “placard”, depois fazemos o realce do autor porque achamos que é muito importante divulgar”</p> <ul style="list-style-type: none"> - E no âmbito do P.C.T., tiveram algum tipo de actividade mais específica para a turma em si, para o Conselho de Turma funcionar? - E2 – “Produzimos aquele documento, não é?” - E1 – “Sim, mas está a falar do que fizemos ...” - A que dispositivo ou dispositivos recorreram para facilitar o P.C.T.? - E1 – “A primeira coisa que fizemos foi uma reunião de Directores de turma, de sensibilização para a necessidade do P.C.T., mas com material de apoio, bastante material de apoio ...” - Quando referem material de apoio, que tipo de material de apoio? - E1 – “Construído por nós, é um suporte construído por nós mas que vamos beber, evidentemente, em muitos livros sobre o assunto. A Dra Carlinda Leite que tem um livro sobre o P.C.E. e o P.C.T., foi um deles; estes que também vão sendo publicados pelas editoras, pela Asa e pela Porto Editora, também são utilizados” - E2 – “Alguns suportes teóricos. Muita gente chega à escola sem nunca ter trabalhado na Gestão Flexível e, portanto, tentámos elaborar um documento com alguns pressupostos teóricos...” - E1 – “A Dra Maria do Céu Roldão é uma autora que eu prezo bastante e que trabalhamos muito. Há muitos livros escritos por ela que são extremamente importantes para este trabalho” - E2 – “Depois, já se fez outra acção...” - E1 – “Sim, fizemos uma acção porque notámos que havia muita gente perdida e começámos a chegar à conclusão que era importante fazer alguma coisa para travar o processo de desânimo que se começava a sentir; fizemos, então, uma acção para professores...” - E2 – “Já não era só para Directores de Turma” - E1 – “Aí, já era para professores, aberta a toda a gente que se quisesse inscrever, em que falámos mesmo do P.C.T., do papel das Áreas Curriculares não disciplinares dentro do P.C.T., da importância dessas coisas todas, mas tivemos muito menos gente do que aquilo que pensávamos; ficamos até muito tristes porque as pessoas, por um lado, sentem-se perdidas mas, por outro lado, se lhes é oferecida oportunidade não aderem tanto como seria desejável” - Vocês quando estão nestas reuniões, quer no Conselho Pedagógico para a elaboração do P.C.E. quer no Conselho de Turma para a elaboração do P.C.T., recorrem à legislação? - E1 – “Sim” - Os professores têm conhecimento da legislação? - E1 – “Têm, temos dossiers só com legislação”
Que potencialidades	<ul style="list-style-type: none"> - Como já referiram, reconhecem-lhes potencialidades para melhorar as aprendizagens e a organização da escola. Orienta a escola no sucesso. Mas quais as potencialidades que identificam, por exemplo, no P.C.E.? - E1 – “O facto de ter em conta o meio em que a escola se insere é extremamente importante para o interesse que os alunos poderão manifestar pelas aprendizagens a realizar...” - E2 – “Identificam-se muito mais” - E1 – “Identificam-se muito mais com elas e o facto, também, de, no P.C.E., nós apontarmos para determinadas metodologias, para certas maneiras de estar, mesmo em sala de aula, que é o reino do professor, não é? Mas em que se tenta também entrar; ainda as aprendizagens significativas, tentar que aquilo que os alunos aprendem faça sentido para eles; achamos que tudo isso é extremamente importante e que, com clareza, deve ficar definido perante todos; permite-nos operar de uma maneira diferente e poderá, realmente, levar a maior êxito nas aprendizagens” - E no âmbito do P.C.T., quais são as potencialidades? - E1 – “Num âmbito menor, mas é muito semelhante, vamos ter primeiro em conta a equipa que está a trabalhar porque há equipas muito diferentes, não é? Há equipas que gostam de apostar mais em certos campos e, outras, menos; portanto, vamos ter em conta, também, as potencialidades dessa equipa, vamos ter em conta a turma que temos pela frente, com as suas características, com as suas áreas frágeis, com as suas áreas fortes, etc. e vamos tentar, com o nosso trabalho, ir ao encontro de tudo isso. Estão as pessoas muito mais motivadas, trabalha-se muito mais, trabalha-se com mais sentido e os alunos sentem-se melhor. Quando nos sentimos melhor, o sucesso é maior”

	<ul style="list-style-type: none"> - E2 – “Ao tentarmos trabalhar para aqueles alunos, e não para o grupo de alunos em abstracto, estamos a contribuir para melhorar as aprendizagens” - Quais as mudanças que introduz nos professores? - E1 – “O que seria desejável é que os professores mudassem a sua maneira de actuar” - Mas se calhar, neste momento, até já sentiram que acaba por acontecer. - E1 – “Passos muito pequeninos, ainda, estamos a começar a sentir que o trabalho colaborativo vai começando a ganhar forma. Já encontramos professores a discutir aquilo que vamos fazer nas Áreas Curriculares não disciplinares, já conseguimos pôr elementos do Conselho de Turma a discutir assuntos que são importantes para o desenvolvimento do Projecto, já conseguimos que partilhem uma ideia no Conselho de Turma e que enriqueçam o P.C.T. com essa ideia” - E2 – “Com preocupações, até mesmo com sugestões e problemas que uma pessoa, muitas vezes, tem e não consegue resolver” - E1 – “Até dão sugestões e colaboram e tudo isso, mas, depois, não sei, dá-me a impressão que esquecem o que foi discutido e cada um põe-se, outra vez, no seu cantinho; é preciso um esforço muito grande do Director de Turma, tem de andar sempre em cima, sempre a tentar, a dizer “ não esqueças isto, não esqueças aquilo”” - E no plano dos alunos, quais são as mudanças mais significativas que introduz nos alunos? - E1 – “Eu falo sempre no que deveria ser, não é? Porque acho que ainda não é aquilo que gostaríamos que fosse. Mas penso que, sem dúvida nenhuma, o sucesso vai ser maior a nível de alunos e que também...” - E2 – “A motivação e o interesse dos alunos tende a crescer” - E1 – “Tem de crescer com esta maneira de actuar” - Mas pela experiência que têm até ao momento, sentiram alguma mudança? - E2 – “Eu é o 1º ano que estou a trabalhar no âmbito do P.C.T” - E no P.C.T.? - E1 – “Eu não é o 1º ano que estou a trabalhar no P.C.T. mas é o 1º ano que sou Directora de Turma e passa muito por aí; ainda estou a dar os primeiros passos. Tenho dito à colega que tenho muito medo que este entusiasmo que os alunos do 5º ano manifestam vá esmorecendo. Eles, neste momento, estão encantados, é verdadeiramente a palavra, de uma maneira geral, estão encantados com a escola. É uma coisa impressionante, a forma positiva como os alunos entraram, como estão a responder à escola, não sei se é um fenómeno deste ano, se tem sido sempre, o que é certo é que...” - E2 – “Há um certo deslumbramento” - E1 – “Mas, depois, começam a esmorecer e alguma coisa falha aqui; era isso que nós queríamos travar um bocadinho, mas não sabemos se vai ser possível” - E as mudanças que introduz no desenvolvimento do currículo e na escola/comunidade educativa? - E1 – “Se conseguirmos elaborar o P.C.E. e depois tentar, na nossa prática, levar em conta esse P. C. e o P.C.T. estiver de acordo com ele, acho que a escola vai ser completamente diferente” - E2 – “Vamos estar todos muito melhor” - E1 – “Vai haver um envolvimento das pessoas, não aquele envolvimento que é quase de papel, de fachada ou, então, um envolvimento que quase se torna agressivo, que não é agradável para nenhum dos intervenientes; eu falo aqui, concretamente, na presença dos Pais, que, muitas vezes, é vista como uma acção fiscalizadora. Os Pais, por outro lado, muitas vezes, não têm o à vontade de se aproximarem dos professores. Acho que se começarmos a construir esta escola com um Projecto que seja seu, que responda às suas necessidades, em que todos trabalhemos como equipa, em que todos os parceiros sejam importantes, todos participem, dêem as suas ideias, queiram realmente fazer uma construção, queiram ter uma colaboração activa e construtiva no desenvolvimento desse Projecto, acho que a escola vai melhorar muito, que vai ser muito bom para todos nós. Mas, sinceramente, ainda não sinto isso, pelo contrário, às vezes, tenho momentos de muito esmorecimento”
Que constrangimentos	<ul style="list-style-type: none"> - E1 – “Agora, para concretizar muita coisa que nós achamos que o Projecto de Gestão Flexível requer, é preciso mudar muita coisa na escola, mas muita coisa, começando pela organização até à interacção entre os diferentes elementos que compõem a comunidade educativa, sendo a organização um dos aspectos a considerar” - E2 – “Ainda é muito rígida” - E1 – “É uma Escola antiquíssima. Queremos coisas muito bonitas mas continuamos com uma divisão enorme entre disciplinas, cada um no seu cantinho, uma escola de manhã, outra escola de tarde. Quem nos dera que funcionasse em regime normal, acho que resolveria grande parte dos problemas deste país, a nível de educação. Uma Escola única, a funcionar de manhã e de tarde, com espaços para nos podermos encontrar”

	<ul style="list-style-type: none"> - E2 – “Até para levar a cabo actividades com os alunos ...” - E1 – “Actividades com os alunos, quer dizer, uma escola viva com esta filosofia que subjaz ao Projecto de Gestão Flexível, participada, com condições completamente diferentes, que não tem. A começar pelos horários, horários muito rígidos, a interacção torna-se, assim, muito reduzida. Vamos conseguindo, em certos Conselhos de Turma” - E2 – “Temos também o problema dos transportes dos miúdos. A mancha horária é de tarde e não vêm, para aqui, de manhã. Têm um horário muito preenchido, entram às 13 30h e saem às 18 30h” - E1 – “Interessa traçar objectivos e trabalhar, em conjunto, nesse sentido” - E2 – “Pontualmente, há professores que não abdicam” - E1 – “Uns não abdicam e outros não conseguem, pela rigidez da Escola e não estou a falar da nossa escola. Faltam condições: ainda agora, a colega me esteve a dizer, em relação à Área de Projecto, que os alunos têm aulas das 17h às 18 30h e há muitos serviços que fecham, ficando inacessíveis” - E2 – “Há recursos que, na prática, acabam por falhar” - E1 – “A escola continua muito rígida; mesmo nós, professores, como pessoas, continuamos a funcionar rigidamente. Depois, há o problema dos horários, não há possibilidade da mancha horária com que eu sonho há muito tempo; é extremamente difícil, já foi tentado, eu sei que há escolas que funcionam de certa maneira ... mas é só com uma turma, não é a escola toda. Não conseguimos pôr a escola no seu todo a funcionar desta maneira” - E2 – “Não deixa de ser uma experiência laboratorial” - E1 – “Exactamente. Era importante passar do paradigma disciplinar ao do Projecto mas, para chegarmos aí ...” - E2 – “E, quando chegarmos aí, já não se justificará a Área de Projecto” - Gostava, se possível, que referissem, do vosso ponto de vista, os constrangimentos que limitam a realização do P.C.E. e a do P.C.T.? O que acaba por limitar essa realização, aquilo que acham que é necessário fazer para o realizar? - E1 – “Eu acho que seria muito importante que, sobretudo, os professores entendessem a importância de tudo isto. A importância do P.C.E., a importância do P.C.T.. Eu penso que isso ainda não foi entendido. Enquanto nós não lhe reconhecermos importância, acabamos por pôr em 2º plano muitas coisas” - E2 – “Mesmo que esteja legislado, e está de facto, o fundamental são as motivações, as crenças, as práticas dos professores. Sem elas, pouco ou nada se consegue” - E1 – “Temos que sentir necessidade e que vale a pena. E essa necessidade, esse valer a pena ainda não foi sentido pelos professores. Por muitas razões, também por práticas que temos tido ao longo dos anos, que estão muito enraizadas mas, também, porque a Administração Central, muitas vezes, põe e dispõe a seu belo prazer, sem ter em conta nada do que nós dizemos e os professores desanimam. Depois, se os professores não sentem essa necessidade, não se vão empenhar da forma que seria desejável para que, realmente, o Projecto tome corpo. É a falta de condições e a falta, também, de formação. Os professores são um pouco lançados às feras sem terem o acompanhamento que deveriam ter. Muitas escolas partiram para a Flexibilização Curricular sem terem o mínimo de base para poderem operar no terreno. As pessoas sentem-se perdidas, completamente perdidas, então surgem as várias reacções possíveis: há o desinteresse, fazer de conta que está tudo bem mas não actuar; há a angústia quando se quer fazer mas se sabe que há limitações, o que traz uma inquietação enorme que nos prejudica; também há aqueles que tentam a todo o custo pôr em prática o que está legislado mas que, realmente, remam contra a maré e acabam por desanimar...” - E2 – “Realmente, esta reforma pressupõe flexibilização, mas depois há muita rigidez em termos de organização, mesmo em termos de escola. Não nos dão liberdade nenhuma...” - E1 – “Até em relação a isto nós devemos ter autonomia para suspender as aulas e fazer aquilo que a escola achar que serve melhor o seu P. E.. Não temos autonomia, não temos autonomia nenhuma. E tinha de haver uma outra formação, de um outro cariz, muito mais de acordo com a necessidade dos professores, o que não existe de facto” - E quais os constrangimentos que se prendem mais com o P.C.T.? - E1 – “Primeiro, os tais hábitos de trabalho individual que, muitas vezes, se torna individualista...” - E2 – “E tem de ser, deve ser um trabalho de equipa...” - E1 – “E nós ainda temos muita dificuldade em sair daí. Portanto, a própria formação que os professores têm, uma tradição de trabalho muito no seu canto, acaba por tornar difícil a partilha. Era importante surgirem fóruns de interacção e formação, não sei bem o quê mas era importante sairmos um pouco daqui. Depois, essa dificuldade real: podemos ter isto tudo mas não podemos
--	--

	trabalhar; o tal efeito contágio, o tal professor entusiasta, de que uma vez ouvi falar e tudo isso, poderá, realmente, contagiar os outros, mas o que é certo é que não temos tempo, não temos espaço para reunir...”
Como valorizar as potencialidades	<ul style="list-style-type: none"> - Estivemos a falar de constrangimentos, também já falaram de potencialidades, valorizam as potencialidades identificadas? De que forma? Que efeitos produz, essa valorização, na gestão curricular da escola e da turma? - E1- “É uma grande dúvida que tenho, há muitos professores que valorizam mas, também, há muitos que não valorizam e por isso mesmo, certamente, acabam por não dar aquele contributo que seria importante darem. Penso que ainda há muita coisa em que não se acredita. Era preciso acreditar, era preciso julgarmos que seria fundamental um determinado caminhar para que a escola fosse diferente e eu penso que essa fé não existe, tenho... eu não quero de maneira nenhuma desanimar e acho que é muito importante continuarmos a trabalhar para que as coisas aconteçam de uma forma positiva. Mas também era importante que houvesse condições na escola, nas escolas em geral, e que houvesse, também, um apoio aos professores e um respeito pela sua opinião, que lhes permitisse ter a consciência de que a sua acção é extremamente importante, é realmente fundamental para que a escola mude. Eu penso que nem esse respeito pelo professor, nem essas condições de trabalho, nem esse apoio de que o professor precisa têm acontecido. Acho que estamos um pouco abandonados” - Essa valorização de potencialidade identificada acaba por ser argumento vosso, enquanto líderes nos grupos, nos Conselhos de Turma ou até mesmo no Conselho Pedagógico poderá funcionar como um argumento para avançar nesta ou naquela direcção ou não recorrem a esse tipo... - E1 – “Recorremos, normalmente, eu por mim falo, mas eu só falo naquilo em que acredito e, quando procuro mesmo mostrar a validade dessa opção, aquilo que traz de bom para o trabalho de um grupo, não meu, mas de uma escola, neste caso, evidentemente, que é nossa aposta tentar passar aos professores a mensagem de que vale a pena e que um Projecto desta natureza poderá trazer grandes benefícios. Mais, que esta escola, tal como está, não nos interessa, já chegamos à conclusão de que, realmente, não nos sentimos bem, o insucesso continua e tudo isso e, portanto, há que mudar; então, vamos tentar outro caminho, vamos tentar, realmente, ganhar as pessoas para um acreditar noutras opções que sejam importantes para a mudança da escola; tentamos passar, com muita força, esta mensagem” - E2 – “Sim, mas eu penso também que, quando se fala aqui em potencialidades, é potencialidades muito concretas; aqui na escola, acho que, quando encontramos pessoas que já estão minimamente sensibilizadas, estamos sempre a dar-lhes força e elas a nós. Se bem que muita gente reconheça que é muito difícil implementar, pôr isto em prática, há gente que acredita. Quando tu, de facto, colocas essa questão e tens esse ponto de vista crítico, que eu também tenho, creio que é mais a nível da Escola em geral” - E1 – “Sim, eu estou a falar da escola em geral, não estou a falar da nossa escola. Na nossa escola, há uma adesão muito grande, não é? E, inclusivamente, nós coordenadoras, resolvemos muita coisa na sala de professores, em encontros informais e por aí adiante, que nos ajudam. Ouvimos coisas que nos desanimam e que nos fazem reflectir e ver que é preciso inverter o caminho, mas, também, ouvimos outras coisas que nos ajudam muito e que nos dão um ânimo tremendo, que nos levam a não desistir. Agora, há, realmente, muitos elementos válidos, sem dúvida nenhuma, mas conseguirmos essa dinâmica, a nível geral, a nível da escola, torna-se muito difícil” - E2 – “Ainda é”
Como ultrapassar as dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> - Identificam algumas dificuldades, como as tentam ultrapassar? - E1 – “De muitas formas” - E2 – “Fazendo-as chegar ao Conselho Executivo” - E1 – “Quando são problemas que nos ultrapassam e que podem ser solucionados pelos órgãos directivos, fazemos chegar, de imediato. Estamos atentas. Costumo dizer que gosto muito de ouvir as resmunguices dos professores, estou atenta e discuto muito com a colega tudo aquilo que me preocupa e, depois, quando vemos que são coisas em que, realmente, há razão de ser para a crítica, levamos a quem de direito, para tentarem solucionar. Estamos abertas a sugestões, muito abertas, e temos um Executivo que também colabora connosco e que vai dando andamento às propostas que vamos fazendo. Tentamos um contacto personalizado com os professores, ouvimos aqueles que estão com dificuldades, os que nos dão ânimo e que gostamos de ouvir também; às vezes, estão a falar e nós dizemos: “ olha, fala alto para outros também ouvirem”; na sala dos professores, dizemos isso muitas vezes. Coisas

	<p>válidas, ideias interessantes e trabalho diferente que está a ser realizado. Procuramos ter o “Placard” sempre em dia e com algumas frases, quase tratamento de choque, para “obrigar” a ler e a reflectir. Quando há informações que queremos muito que cheguem, tentamos dar, a cada Director de Turma, o papelinho mesmo em mão para não se perder a informação, para além de ficar sempre no “Placard”, se houver extravio...”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando se propõem ultrapassar essas dificuldades, que obstáculos se evidenciam? Aquilo que mais se evidencia. Quando se propõem tomar essas iniciativas para tentar ultrapassar as tais dificuldades sentidas, já referiu, por exemplo, o chamar a atenção, o entregar o papelinho em mão, têm sempre o Placard como garantia de que a informação lá está e não poderá perder-se... - E1 – “É isso” - Mas quando têm essa iniciativa de tentar ultrapassar, evidenciam-se alguns obstáculos que poderão até considerar muito significativos e que poderão constituir até, digamos, um constrangimento, por vezes, para a realização dos trabalhos que pretendem desenvolver? - E1 – “Muitas vezes são coisas tão simples como espaços físicos para podermos fazer aquilo que achamos importante. Por exemplo, informação entre Director de Turma /Professores da Turma e Director de Turma /Coordenadores; queremos um daqueles tipo correio para fazer chegar informações, haver mais contacto, porque muitas vezes, os professores da tarde e os professores da manhã não se encontram; estivemos a dar voltas à cabeça, à procura de um espaço para isso e não conseguíamos; agora já temos em vista um que poderá corresponder minimamente, mas não é o ideal, de maneira nenhuma...” - E1 – “E em relação, por exemplo, aos Conselhos de Turma: era essencial realizar Conselhos de Turma, achamos que eram fundamentais; no entanto, debatemo-nos com imensas dificuldades, estivemos em Pedagógico, em discussões e a analisar a lei, tentando subterfúgios para não a ferir; tivemos de ter cá os alunos, isso implica trabalho acrescido para os professores e não só, contradiz uma das nossas orientações que diz: quando há actividades para alunos, os professores devem acompanhar, devem estar com eles, ... Os professores estavam em reuniões, só estavam com os alunos em número mínimo e, esses, estiveram com trabalho acrescido. Portanto, o Ministério não ajuda absolutamente nada, não nos dá campo de acção. Agora, com esta legislação, eu bem sei que esta atitude teve a ver com muitos factores que são importantes, mas o que é certo é que há muitas escolas que querem trabalhar, querem produzir o seu P. E., acham que certas acções são fundamentais e não têm oportunidade de poderem fazer isso livremente, não têm autonomia. Só porque continuo a reconhecer grandes virtualidades à Gestão Flexível do Currículo, é que continuamos...” - E2 – “Chegamos a ter grandes momentos de desânimo...” - E1 – “E não só. Os professores chegam a um ponto e vê-se mesmo que não acreditam e, aí, nós podemos tentar emprestar-lhes este ânimo, mas é extremamente difícil, porque eles também vêem que, muitas vezes, labutam quase em vão, não é?” - E2 – “E mesmo nós, ao fim de quatro anos, agora somos Coordenadoras, já gostaríamos, possivelmente, de ver...” - E1 – “Pois, outro andamento nas coisas...” - E2 – “outra dinâmica...” - E1 – “Temos tanta coisa em que tocar que nem sabemos, muitas vezes, para onde nos havemos de virar e não podemos chegar a tudo; acaba por ficar muito aquém daquilo...” - E2 – “E aí, digamos, os avanços são mínimos...” - E1 – “Pode haver a melhor legislação mas se os professores não quiserem, não há nada a fazer; o trabalho tem de ser muito de mobilização no sentido da realização, mas, esse, torna-se extremamente difícil de conseguir. E como nós também estamos constantemente a apanhar de cima e dos lados, muitas vezes, também não temos força para isso”
O que sugerem	<ul style="list-style-type: none"> - O que acham que vos falta para dar conta dos desafios que a Reorganização Curricular lança? - E1 – “Uiii, falta-nos muito. Eu estou convencida, aliás digo isto muitas vezes, que a nossa escola tem determinada experiência, uma experiência válida, reconheço. Mas estamos muito aquém daquilo que, muitas vezes, se diz por aí e considero que temos caminhado, sim senhor, mas o caminhar tem sido muito lento. Reconheço um aspecto muito positivo ao nosso trabalho; é que tentamos levar a escola, isso acho que tem sido importante e tem sido uma nota do nosso trabalho e, quando falo nosso, é da colega e de muitos órgãos aqui da escola...” - E2 – “E o que se tem feito é fruto de grande reflexão, são opções ponderadas, não são impostas...” - E1 – “Não é imposto. Tentamos reflectir sobre aquilo que é feito...” - E2 – “Também sabemos que há muitas escolas que têm o P. E. há muito tempo...” - E1 – “Têm-no na gaveta, não é?” - E2 – “Que têm, também, o P.C.E. há muito tempo mas que, lá está, não é assumido, as pessoas

	<p>não se revêem nele e as coisas não funcionam. Nós andámos ao contrário, começámos pelo P.C.T..”</p> <ul style="list-style-type: none"> - E1 – “Vamos trilhando caminhos que são caminhos reflectidos, pensados. Tentamos discutir muito as coisas e ouvir muito, isso sem dúvida, e tentamos, realmente, levar a escola, não...Tem sido muito difícil, um caminhar muito lento” - E como acham ser possível conseguir isso que acham que vos falta? - E1- “Primeiro temos de mudar a classe, não, estou a brincar. Temos de acreditar mais, nós como classe, temos de acreditar mais mas, para isso, temos de ser apoiados e não temos esse apoio, que seria desejável, sem dúvida nenhuma. Temos de ter mais autonomia dentro da escola. Temos de ter uma margem de acção que nos leve a fazer aquilo que entendemos ser importante para o nosso P.E.. Não vale a pena ter um P.E. para depois estarem, constantemente, de cima a dizerem que não podemos fazer isto, nem aquilo, nem aqueloutro para conseguirmos esse Projecto. Portanto...” - E2 – “E, depois, penso que também há alguma incongruência: por um lado fala-se no desenvolvimento de competências, depois vêm os exames finais, no final do 9º ano. Parece ridículo... Imagine que eu tenho uma turma muito “fraquinha”, desenvolvo um P.C. para aquela turma, os alunos até conseguem aquilo que nós lhes propusemos fazer e, no 9º ano, são submetidos, nomeadamente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, a um exame nacional. O que vão pedir a esses alunos? O que pretendem avaliar? Competências ou conteúdos? E vamos cair, como no Secundário, em que os professores se preocupam com quê? Com conteúdos, não é? E a leccionarem aqueles conteúdos que sabem que saem no exame. E eu faço um P.C.T...” - E1 – “Há uma incoerência muito grande e, depois, claro, os professores descrêem e têm toda a razão...” - E2 – “Há uma disfunção no meio disto tudo...” - E1 – “Colega, por exemplo, tu dás a filosofia que nós tentamos incutir nos nossos alunos, da não competitividade, do trabalho solidário, do espírito de turma, do espírito de equipa e, depois, vão para o Secundário e é um salve-se quem puder; os próprios professores, muitas vezes, são pais e mães e também vêm o que se está a passar. Eles próprios acabam por orientar o seu trabalho já de uma maneira diferente. Portanto, é uma coisa que está escrita, que é bonita, da qual gostamos, que tentamos e que, depois, é contradita na prática, a nível de estudos mais avançados, mas completamente... as pessoas têm de descrever” - E2 – “Se vamos valorizar, em termos de avaliação, mais o processo do que o produto final, o exame o que é? Quando é que num exame eu avalio processos? Na Educação Básica vem um exame para quê? É para quantificar resultados e, não se gostando, muda-se alguma coisa...” - E1 – “E depois estas mudanças constantes. Muda um governo e já muda...” - E2 – “Até há muita gente que acredita, mesmo esses que acreditam...” - E1 – “Perdem o rumo. Têm de perder porque já não acreditam; realmente, as coisas são de tal maneira que a única saída é, muitas vezes, não olhar mesmo à legislação; por exemplo, não assumir algum Projecto que seja importante, com a dimensão que ele, realmente, tem, porque já se sabe que, de hoje para amanhã, vai mudar; como agora, quando foi das eleições, falava-se na suspensão da Reorganização Curricular, não só da Revisão do Secundário. Os professores vêm que não vale a pena, vai tudo mudar de novo, o que se verificou realmente, modificou-se muita coisa. A nível de 3º Ciclo, houve uma machadada enorme, nas Áreas Curriculares não disciplinares. “Mas então como é? Isto agora é assim?” As pessoas questionam-se e entram em angústia e, muitas vezes, desanimam, descrêem e têm toda a razão para isso. Isto é, realmente, complicado. A escola é um universo extremamente complexo, nela movimentam-se muitos elementos, alguns entram mesmo em colisão e, para se acreditar, é importante que, pelo menos, não haja contradição nas coisas, é fundamental que saibamos que o nosso trabalho está a ser apoiado e que vale a pena e, muitas vezes, não temos essa sensação” - E2 – “Somo sempre líricos” - E1 – “Sonhamos muito e somos líricos, continuamos a sonhar, aí de nós! Porque, senão, já tínhamos desanimado há muito tempo e, assim, continuamos a andar”
Outros aspectos considerados importantes pelos entrevistados	